

MACHADO DE ASSIS E O FIDEÍSMO CÉTICO PASCALIANO: SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS

Daniel Benevides Soares¹

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

 <https://orcid.org/0000-0001-7275-9217>

E-mail: benevides.soares@gmail.com

RESUMO:

Buscando investigar a influência pascaliana sobre a obra de Machado de Assis, comparamos o fideísmo cético do filósofo francês com algumas obras do autor brasileiro. Para isso, dividimos a investigação em três momentos. O primeiro momento considera cinco dos contos de Machado de Assis, contos representativos das duas fases do escritor. O segundo momento toma dois dos seus principais romances, tanto aquele que é considerado o mais propriamente pascaliano entre eles, quanto aquele em que há forte influência de elementos céticos. Finalmente, no terceiro momento, propomos um balanço da investigação efetuada nos passos anteriores para apresentar a solução inovadora do autor brasileiro para o problema que envolve a união de uma antropologia pascaliana com a impossibilidade da salvação pela graça frente à perplexidade diante da miséria humana, que se mostra persistente até as obras de maturidade. A solução vista na obra de Machado de Assis envolve uma forma de salvacionismo particular e original.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Fideísmo; Ceticismo; Pascal; Montaigne.

MACHADO DE ASSIS AND PASCALIAN SKEPTICAL FIDEISM: SIMILARITIES AND DISSIMILARITIES

ABSTRACT:

Seeking to investigate the Pascalian influence on the work of Machado de Assis, we compared the skeptical fideism of the French philosopher with some works of the Brazilian author. To this end, we divided the investigation into three moments. The first part considers five of Machado de Assis' short stories, stories that represent the writer's two phases. The second moment takes two of his main novels, both the one that is considered the most properly Pascalian among them, and the one in which there is a strong influence of skeptical elements. Finally, in the third moment, we propose an assessment of the research carried out in the previous steps to present the Brazilian author's innovative solution to the problem that involves the union of a Pascalian anthropology with the impossibility of salvation by grace in the face of perplexity of human misery, which remains persistent until his mature works. The solution seen in the work of Machado de Assis involves a particular and original form of salvationism.

KEYWORDS: Machado de Assis; Fideism; Skepticism; Pascal; Montaigne.

¹Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza – CE, Brasil. Professor(a) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís – MA, Brasil.

Introdução

Pascal é um pensador que segue o rastro cartesiano na discussão a respeito dos argumentos céticos² (Popkin, 2000, p. 18), sendo um dos principais representantes do assim chamado fideísmo cético. De acordo com Popkin existe um determinado conjunto de visões a respeito do fideísmo que engloba, em primeiro lugar, uma fé cega que não concede à razão nenhuma capacidade de conhecer a verdade ou torná-la plausível, de modo que toda certeza se assenta em uma adesão plena e incondicional a algum tipo de verdade revelada; em segundo lugar, uma consideração da fé como sendo anterior à razão (2000, p.20 – 21). O pensador também era um dos autores cuja obra pertencia à biblioteca pessoal do Bruxo do Cosme Velho, ocupando os números 509 e 510 no levantamento de Jean-Michel Massa, junto com outros moralistas franceses³. A primeira das entradas, a de número 509, corresponde a uma edição francesa das *Provinciais*. A segunda, a de número 510, é uma edição também francesa dos *Pensamentos* (Massa, 2008, p. 76). É bastante conhecida a carta de Machado endereçada a Joaquim Nabuco e que recebe o sugestivo título de *Pensées détachées et souvenirs*, carta que incorpora no seu título o próprio título da obra pascaliana mais conhecida, seus *Pensées*. A menção a influência de Pascal é muito célebre, mas vale a pena reproduzi-la aqui, ainda mais uma vez:

Desde cedo, li muito Pascal, para não citar mais que este, e afirmo-lhe que não foi por distração. Ainda hoje quando torno a tais leituras, e me consolo no desconsolo do *Eclesiastes*, acho-lhes o mesmo sabor de outrora. Se alguma vez me sucede discordar do que leio, sempre agradeço a maneira por que acho expresso o desacordo (Assis, 2015, p. 1310⁴).

Outra carta, esta destinada a Magalhães Azeredo e datada de 21 de julho de 1897, menciona a “paciência velha” de Pascal (Assis, 2011, p. 254). Partindo desse panorama, nosso objetivo é investigar como o pensamento pascaliano com seu fideísmo cético aparece em alguns recortes da obra machadiana. Iniciamos com alguns dos seus contos, em seguida passamos aos romances da segunda fase. Concluímos com a maneira como esse traço pascaliano é apropriado na saída encontrada na obra do Bruxo do Cosme Velho para a tragédia da existência humana que não pode apelar para o auxílio da graça. Nesse caso, ficaria o ser humano num solipcismo atroz da própria miséria?

Para investigar a influência dos chamados fideístas céticos franceses - especialmente Pascal – recorreremos principalmente ao estudo de José Raimundo Maia Neto sobre o tema. No final da investigação, para delimitarmos a solução original machadiana para o problema da conciliação de um pascalianismo sem apelo à graça, recorreremos aos estudos de Margutti, Benedito Nunes, Eugênio Gomes e outros autores. Por limitação de espaço, escolhemos quatro contos da autoria de Machado. São eles: *Felicidade pelo casamento*, *Ultimo capítulo*, *O país das quimeras/Uma excursão milagrosa* e *Valério*. Por conta da mesma limitação, restringimos nossa análise a dois dos romances machadianos, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, o primeiro, o mais pascaliano dos romances do Bruxo do Cosme Velho, o segundo, mais próximo do ceticismo, porém, também contendo elementos pascalianos. Concluímos a investigação com a breve apresentação da solução adotada na obra machadiana para o salvacionismo.

² A respeito dos tipos de ceticismo – acadêmico e pirrônico – conferir Popkin, 2000, p. 13 – 18 e Maia Neto, 2007 A, p. 15 – 20.

³ Nesse levantamento, Montaigne ocupa o número 500, La Bruyere o 504 e La Rochefoucauld o 508. Descartes também figura com o número 503. Notamos que todas as obras são edições francesas (Massa, 2008, p. 76).

⁴ As referências à obra *Pensamentos* serão datas por nome do autor, seguido do ano da edição da obra, do nome da edição, do número do fragmento e da página.

1. Os contos

Em *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, Maia Neto (2007 A, p. 47) aponta uma referência a Pascal feita pelo Bruxo do Cosme Velho por meio do narrador do conto *Felicidade pelo casamento*⁵: “Sôbre a mesa tenho duas pilhas de livros. De um lado a Bíblia e Pascal, do outro Alfredo de Vigny e Lamartine. É obra do acaso e não parece: tal é o estado do meu espírito” (Assis, 1956, p. 226). As referências a Pascal e ao *Eclesiastes* espelham o estado de pessimismo que o pseudoautor do conto vivencia antes do casamento (Maia Neto, 2007 A, p. 47). Assim afirma o pseudoautor: “Destruo agora; quando edificarei? Aflijo-me; quando me hei de alegrar? Semeio; quando hei de colher? Virá o tempo para isso... Quando? Não sei! A certeza é uma: a certeza do presente; a da destruição, a da aflição, a da plantação. O resto – mistério e abismo” (Assis, 1956, p. 228). Essa constatação da miséria humana é forte na parte inicial do conto.

F. S., narrador do conto *Felicidade pelo casamento*, após ser desprezado por uma moça devido à acusação de não ter espírito é levado à leitura do *Eclesiastes* e de Pascal (Maia Neto, 2007 A, p. 71). A visão de mundo expressa no espírito do *Eclesiastes* e da concepção pascaliana de ser humano só será mudada após o casamento, mas é uma visão mais afim ao pessimismo e ao ceticismo. Essa visão também se mostrará em outros contos e tenderá a se acentuar nos romances da segunda fase, atingindo o paroxismo nas *Memórias póstumas*.

Por exemplo, a visão filosófica expressa pelo narrador do conto *Último capítulo* aponta para a miséria e precariedade do mundo no espírito de Pascal (Maia Neto, 2007 A, p. 78). O conto narra a explicação de um suicida a respeito da decisão de, no seu testamento, destinar seu patrimônio à fabricação de botas, explicação essa feita por carta. O narrador afirma que muitos o acharão louco, e que por loucura se matara, mas ele afirma que a razão desse ato – o suicídio em si ele explica por ter sido caipora durante a vida inteira (Assis, 2015, p. 348) – de converter seu patrimônio em botas, está no encontro que teve com um conhecido seu, que sabia ter sofrido duros golpes da sorte, mas que passeava feliz, contemplando um par de botas novas (Assis, 2015, p. 352).

A felicidade será um par de botas? Esse homem, tão esbofeteado pela vida, achou finalmente um riso da fortuna. Nada vale nada. Nenhuma preocupação deste século, nenhum problema social ou moral, nem as alegrias da geração que começa, nem as tristezas da que termina, miséria ou guerra de classes, crises da arte e da política, nada vale, para ele, um par de botas (Assis, 2015, p. 352).

Esse trecho marca a semelhança com o episódio do delírio de Brás Cubas no qual o desfile das sucessivas gerações humanas com suas calamidades, misérias e ilusões de felicidade passavam perante o olhar cativado do narrador (Assis, 2015, p. 608). Esse tema, a miséria, perderá a possibilidade de redenção, por exemplo, pelo casamento.

Também nos contos *O país das quimeras* e *Uma excursão milagrosa*⁶, é possível identificar elementos da filosofia pascaliana (Maia Neto, 2007 A, p. 83 – 86): “A invenção de ocupações, não importa quais, é caso de segurança existencial. Trata-se de preencher com quimeras o vazio da existência. Novamente é clara a presença de Pascal” (Maia Neto, 2007 A, p. 84). A descrição dessas ocupações denuncia no conto a teatralização das relações sociais e a ausência de fundamentos para as convenções sociais que vão além do costume.

⁵ Esse conto não está incluído nas edições das Obras Completas de Machado, tendo sido identificado como de autoria machadiana por Magalhães Júnior na sua coletânea de 1956. No *Prefácio* dessa edição, Magalhães Júnior elenca os argumentos para defender a autoria do Bruxo, como os nomes de personagens que se repetem – Bento -, a forte presença do *Eclesiastes* e de Pascal, o estilo de narrativa e os temas abordados (1956, p. 6 – 9).

⁶ “‘O país das quimeras’ é, possivelmente, um dos mais antigos contos de Machado. Em 1886 o conto reaparece como ‘Uma excursão milagrosa’” (Maia Neto, 2007 A, p. 83).

Tito, o viajante, ao retornar da excursão milagrosa, chega mais infeliz e pobre do que partiu. O narrador adverte ainda esse é destino – pobreza e infelicidade – daqueles que entendem ter o dever de dizer o que sabem; também é esse o preço da liberdade de arrancar a máscara da humanidade, toda ela portando no coração um ápice venenoso (Assis, 2015, p. 826 – 827). “A presença de Pascal se reafirma. Quando se denuncia a frágil quimera que preenche o vazio, depara-se com o abismo” (Maia Neto, 2007 A, p. 85). O espírito pascaliano dessa visão a respeito da existência humana e dos arranjos sociais pode ser aproximado com o divertimento.

Quem não vê a vaidade é ele próprio bem vão. Assim, quem não a vê, exceto nos jovens que estão todos no meio do barulho, na diversão e no pensamento do futuro. Mas tirai-lhes a diversão, vós os vereis secar de tédio. Passam a sentir então o seu nada sem o conhecer, porque é ter muita infelicidade estar numa tristeza insuportável, logo que se fica reduzido a contemplar a si mesmo sem disso se divertir (Pascal, 2005, Lafuma 36, p.11).

O aspecto da fantasia, portanto, sem fundamentação última, levará a deixar apenas a convenção como fundamento frágil.

O conto *Valério* apresenta o personagem homônimo que mantém inicialmente o suicídio como uma alternativa, tema recorrente na obra machadiana:

Quando Valério meditava sobre as condições de sua existência, a sua mocidade sem risos, o seu futuro sem esperanças, lançava um olhar melancólico para o suicídio, como a solução razoável do problema da vida, e perguntava entre si se a moral que desarma o braço do homem não era simplesmente uma moral de convenção (Assis, 2015, p. 1258).

O problema da vida surge pela consideração do suicídio. Além disso, Valério sonha e reflete a respeito de sua existência, ponderando sobre o fundamento meramente convencional da moral humana. A fonte dessa visão a respeito da moral estaria, na obra machadiana, em autores como Montaigne e Pascal:

A singularidade de Valério pressupõe o infortúnio pessoal e propicia um esboço de reflexão. Essa reflexão é uma forma embrionária de ceticismo moral. Montaigne e Pascal, principais fontes de Machado, mostraram extensivamente que a moral não é racional e universal, mas relativa a tradições culturais (Maia Neto, 2007 A, p. 74).

Os seres humanos, afirma Pascal, com sua razão viciada, corromperam as leis naturais, restando apenas uma justiça muito engraçada que um rio limita, restando apenas o costume cambiante (2005, Lafuma 60, p. 21 - 22). A falta de fundamentação última para a moral é um tema pascaliano.

Confessam que a justiça não está nos costumes, mas que reside nas leis naturais comuns a todos os países. Por certo sustentariam pertinazmente isso, se a temeridade do acaso que semeou as leis humanas tivesse encontrado pelo menos uma delas que fosse universal. Mas a irrisão é tamanha que o capricho dos homens se diversificou a ponto de não haver nenhuma (Pascal, 2005, Lafuma 60, p. 21 - 22).

De acordo com Maia Neto, o tema pascaliano da precariedade das crenças é de Montaigne (2007 A, p. 139, nota 46), filósofo discutido pelo próprio Pascal:

A autoridade das leis provém de existirem e terem passado para os costumes; é perigoso fazê-las retornarem à sua origem. Como os rios que se avolumam com o rolar das águas, elas adquirem importância e consideração em se aplicando. Remontai-lhes o curso até a nascente e vereis um insignificante filete de água (Montaigne, 1972, p. 274).

Esse ensaio, *Apologia de Raymond Sebond*, é citado por Pascal como ilustrando as variedades de concepção a respeito do soberano bem entre os filósofos (2005, Lafuma 408, p.155).

Assim, o tema pascaliano da vaidade humana e sua instrumentalização, da distração e agitação da vida social aparecem nos contos machadianos, assim como o tipo do indivíduo social é uma versão caricata dos *honnêtes gens* que o autor dos *Pensamentos* procurava converter ao cristianismo (Maia Neto, 2007 A, p. 43 – 45). Vemos também a força do costume na determinação das ações humanas e o problema do sentido da vida. Temos, então, mera transposição da concepção pascaliana de miséria humana cuja saída seria o salto de fé, inapelável à razão, conforme defende o fideísmo cético? Vamos concluir, com um indício de resposta, a partir do conto *Valério*. O personagem, após a meditação pelo suicídio “volvia a sentimentos melhores; encarava severamente a responsabilidade que lhe corria de carregar a vida dignamente, sem violência nem rebeldia; adiava o suicídio para o próximo desânimo” (Assis, 2015, p. 1258). Então sonhava, construindo com a imaginação cenários e vida grandiosos. “Quando descia dessas alturas vertiginosas, Valério tinha ao menos esquecido a miséria atual, porque sonhar é esquecer, e esquecer é muitas vezes toda a felicidade da vida” (Assis, 2015, p. 1258). No final do conto, Valério acaba se rebelando contra a vida, com rebeldia, “indo atirar-se ao mar” (Assis, 2015, p. 1274). Nesse conto, a miséria humana persiste, não havendo mais a salvação pelo casamento encontrada na primeira história.

O conto *O lapso* também menciona o abismo de Pascal, representando o buraco em que Tomé Gonçalves lançara os credores, sofrendo da doença do esquecimento: perdera da mente o significado da palavra *pagar* (Assis, 2015, p. 346). A figura do abismo, de acordo com Ceí, se refere a uma alucinação sofrida por Pascal, que via um abismo aos seus pés, mas também serve como referência a problemas morais e sociais insolúveis (2015, p. 83). O médico que cura Tomé Gonçalves, o holandês Jeremias, como um pobre-diabo, resta como o último credor, os demais descuidados dele, como o próprio Tomé. A modéstia o impede de cobrar. Morre como viveu: pobre (Assis, 2015, p. 347). É um caipora, como os outros.

Extraímos alguns desdobramentos desses contos: forte presença do costume e a reflexão a respeito do sentido da vida dada na forma simbólica do problema do suicídio. A partir desse cenário, traçamos o seguinte esboço de problema de fundo: i) existe uma possibilidade de salvação, inicialmente dada pelo casamento; ii) a miséria humana persiste. A questão que surge é se *outra* possibilidade de salvação emerge perante a resistência da constatação da miséria humana. Retornaremos a ela depois. Por hora, passemos aos romances machadianos.

2. Os romances

2.1. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Segundo Maia Neto, as “rabugens de pensamento” de Brás Cubas são indicativos do conteúdo filosófico da obra à semelhança de Pascal (2007 A, p. 93).

Com efeito, o critério de seleção dos fatos relevantes a serem incluídos na autobiografia não é meramente factual. É sobretudo filosófico: são revelados os fatos que revelam a precariedade humana. Estes fatos, na reconsideração autobiográfica, aparecem como ilustrações da dimensão reflexiva que está sendo gerada em Machado e que vimos relacionando com Pascal (Maia Neto, 2007 A, p. 93 - 94).

A seleção dos episódios narrados pelo Cubas defunto-autor se dá, conforme explicitado acima, por semelhança com a concepção pascaliana de miséria da existência humana. A condição de defunto autor marca a transição de Brás Cubas da perspectiva estratégica que adotara durante

sua vida para a de reflexão sobre a condição humana. O poder da *vida exterior* é tão intenso, espalhando-se mesmo sobre a esfera do casamento, comprometendo assim a *paz doméstica*, que se converte em autêntico obstáculo para o estabelecimento de uma atitude observadora e reflexiva. O defunto-autor não pratica o divertimento. Desse modo, o distanciamento em relação à *vida exterior* tem que ser radical, de modo a evitar os desfechos dos personagens problemáticos da primeira fase: suicídio e loucura (Maia Neto, 2007 A, p. 95 - 96). Vimos que esse é o caso, por exemplo, de Valério. Notamos também que o espaço de salvação do narrador F.S. também não está mais ao alcance nem do Brás Cubas vivo – que também pode ser considerado um caipora – nem do defunto-autor memorialista.

A reflexão tecida na condição de defunto-autor é aquela marcada pelas “rabugens de pessimismo”, escrita com a “pena da galhofa” e a “tinta da melancolia”. Fica evidente que é possível fazer uma aproximação entre as categorias de *vida exterior*, o campo das aparências ambíguas e cambiantes da vida social com o *divertimento* pascaliano em Machado de Assis. “As misérias da vida humana foram o fundamento disso tudo. Como viram isso, assumiram o divertimento” (Pascal, 2005, Lafuma 10, p. 5). Apenas morto, o narrador consegue o afastamento do divertimento e passa a considerar adequadamente a condição humana. Destacamos aqui a presença da ironia – galhofa – na descrição – narração – da miséria humana – rabugens de pessimismo.

A influência de Pascal em *Memórias póstumas de Brás Cubas* encontra eco, portanto, na denúncia da *agitação*. A felicidade vivenciada no momento presente, mais até do que sua recordação, é desvelada como uma miragem. Para Brás Cubas, a *ataraxia* só é atingida na morte, quando então um ponto de vista de maior amplitude é alcançado em relação à vida. Essa perspectiva proporciona a condição privilegiada do defunto-autor recordar a felicidade sem engajamento real. Isso enseja um olhar lúcido sobre uma concepção mistificada da realidade – como no conto *O País das quimeras* e *Uma viagem milagrosa*. Esse elemento marca, segundo Maia Neto, o ceticismo pascaliano de Brás Cubas (2007 A, p. 99 - 100). A visão de Brás Cubas morto é uma junção da denúncia das mistificações vistas no conto *País das quimeras/Uma viagem milagrosa*, mas aplicada ao tipo de salvacionismo encontrado no conto *Felicidade pelo casamento*.

Maia Neto defende que a visão cética de Brás Cubas assemelha-se a de Pascal no modo como se relaciona com a atitude de Pirro⁷. O Bruxo faria uso dessa atitude, embora, adiantamos, diferenças existam. Brás Cubas é pessimista, pois desacredita de qualquer possibilidade ética na conduta da vida, embora a dimensão reflexiva atingida na sua condição de defunto-autor seja ela própria ética por denunciar as insinceridades presentes na vida social dos vivos (Maia Neto, 2007 A, p. 100 - 101).

A narração vem ocupar o lugar da ação ética que já não é mais possível praticamente. Como agora a alternativa à vida social é a narração, trata-se da dimensão filosófica comprometida com a verdade. Por pressupor sinceridade, esta reflexão permanece fora do alcance do indivíduo constrangido na lógica da vida social. Vê-se assim que a perspectiva cética de Brás Cubas, assumindo os valores de verdade e eticidade, distingue-se do pirronismo, embora, como Pascal, dele faça uso (Maia Neto, 2007 A, p. 100).

Esse dado é importante por nos permitir fazer o registro da importância da narração. Guardemos essa informação.

⁷ Curioso notar que, de acordo com Diógenes Laértios, Pirro, embora na juventude fosse inquieto, após seu contato com os ginosofistas na Índia e com os magos, se tornou agnóstico, abstraía-se do mundo, buscava a solidão e considerava que todos os atos humanos são determinados pelos hábitos e convenções (2008, p. 267 – 268). Esses elementos caracterizam os personagens dos contos e romances aqui tratados.

O delírio de Brás Cubas assume grande importância por assinalar a transição das perspectivas ingênua e estratégica do Brás Cubas personagem para a perspectiva cética do Brás Cubas autor (Maia Neto, 2007 A, p. 101). A importância do episódio do delírio na obra machadiana é imensa, pois ela mostra uma espécie de insurreição de uma visão de mundo que enfrenta e se sobrepõe a uma tentativa inicial de salvacionismo.

Maia Neto elenca 4 aspectos céticos e pascalianos da dimensão reflexiva sintetizada pelo delírio. Em primeiro lugar, constata-se que a razão é impotente no âmbito das questões metafísicas, bem como para compreender a condição humana em seu significado último (Maia Neto, 2007 A, p. 101).

A ênfase nos limites da razão é tema central em pensadores céticos cristãos que, diferentemente de Brás Cubas, apresentam a fé como alternativa à razão na solução das questões metafísicas. Nas *Memórias póstumas*, a função da fé nos céticos cristãos é exercida pela sandice que assume, portanto, estatuto epistemológico: muito ao contrário de expressar um ‘delírio de alucinado’, revela o momento de maior lucidez em vida de Brás Cubas, lucidez com a qual se torna defunto-autor (Maia Neto, 2007 A, p. 101 - 102).

Em segundo lugar está o papel desempenhado por Pandora. Na sua relação com Brás Cubas, Pandora enseja uma relação cognitiva cética tanto em termos do sujeito quanto em termos de objeto. A caracterização do objeto apresenta o *tropo* de Enedesimo baseado na quantidade e formação. No sujeito, observa-se o seu aturdimento frente ao objeto, a mudez diante do objeto sendo marca da afasia pirrônica (Maia Neto, 2007 A, p. 102). O papel desempenhado por Capitu no romance seguinte é uma hipérbole desse papel, guardadas as proporções, como o papel que o gênio maligno cartesiano desempenha em relação aos argumentos céticos tradicionais⁸.

Em terceiro lugar, ao observar o desenvolvimento da procissão humana ao longo das eras exibido por Pandora, Brás Cubas adquire a perspectiva do *Eclesiastes*, o que lhe revela a vaidade do conhecimento humano, tendo como consequência a quebra do orgulho. A descoberta da fragilidade humana é pavimentada pela perspectiva cética, reveladora da opacidade do mundo e do seu criador. Se em Pascal esses elementos componentes da fragilidade da condição humana quando trazidos a lume – equivalentes ao *Deus escondido*⁹ - conduzem à fé como saída para as insolúveis questões metafísicas, para o ceticismo machadiano, conforme Maia Neto, por inexistir essa via de escape, resta a *ataraxia* para anular as perturbações do espírito (2007 A, p. 102 - 104).

Em quarto lugar, observa-se a crítica às filosofias do período eivadas de otimismo e dogmatismo que contrastam com a precariedade da condição humana. Em oposição à miséria humana, a pretensão assumida por essas doutrinas, a exemplo do Humanitismo (Maia Neto, 2007 A, p. 104 - 106) guarda semelhança com os personagens estratégicos da *vida exterior*.

A *vida exterior*, lugar destes personagens, é uma teia de simulações e automistificações que encobrem a precariedade e o vazio. Parece-nos ser justamente esta dualidade que Brás Cubas observa nas filosofias contemporâneas ou no entusiasmo que eles despertaram em contemporâneos, e que desmascara, num procedimento similar ao de Pascal e outros fideístas céticos (Maia Neto, 2007 A, p. 105).

Quando Brás Cubas retorna de sua formação acadêmica como um bacharel medíocre, a denúncia dessa condição fraudulenta feita pelo defunto-autor a partir da análise em retrospecto

⁸ Popkin chamará esse processo de superceticismo cartesiano (200, p. 18).

⁹ “Em lugar de vos lamentar pelo fato de Deus ter se escondido, dareis graças a ele por ter se mostrado tanto, e dar-lhe-eis também graças por ele não ter se mostrado aos sábios soberbos indignos de conhecer um Deus tão santo.

Duas espécies de pessoas conhecem, aqueles que têm o coração humilhado e que amam a sua baixaza, qualquer que seja o grau de espírito que tenham, alto ou baixo, ou aqueles que têm bastante espírito para ver a verdade, quaisquer que sejam as oposições que tenham a isso” (Pascal, 2008, Lafuma 394, p.152).

da sua própria experiência, revela uma proximidade com Pascal (Maia Neto, 2007 A, p. 108). “Seu procedimento é pascaliano: os títulos e posições sociais têm por função ocupar o indivíduo, mantendo-o distraído do vazio de si e do mundo” (Maia Neto, 2007 A, p. 108). No fragmento sobre a miséria, Pascal afirma:

A única coisa que nos consola de nossas misérias é a diversão. E no entanto é a maior de nossas misérias. Porque é ela que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte (2008, Lafuma 414, p. 157).

Uma diferença importante em relação ao procedimento pascaliano feita por Machado é que, se no Solitário de Port-Royal é a aposta em deus que dará ao indivíduo o distanciamento adequado para julgar essa miséria, essa saída não é possível para Brás Cubas. Somente a condição de defunto-*autor* proporciona essa distância. Frisamos aqui a condição de narrador em relação à de defunto pois ela será importante para o resultado da nossa investigação. Retomemos, agora, as proximidades.

Outro elemento que marca a influência pascaliana na obra é a precariedade e insegurança das coisas no tempo. Um exemplo disso se dá quando Brás Cubas, antes rejeitado por Virgília, é aceito por ela, casada, na condição de amante. Ao perceber a reação indignada de Virgília à corte de um terceiro, Brás Cubas descobre, com sua passagem de inoportuno para oportuno¹⁰ na consideração de Virgília, que coisas importantes tanto se constituem como se desvanecem no tempo (Maia Neto, 2007 A, p. 111 - 112). A precariedade, o acaso e a fragilidade integram a miséria humana.

Após separar-se de Virgília, um retorno à melancolia e uma intensificação da consciência da temporalidade recrudescem em Cubas, não obstante, permanecem ainda oscilações do seu espírito. Ele ainda é agitado por três forças – a primeira, um projeto de casamento; a segunda, um desejo de agitar-se em algo, com algo e por algo; a terceira a conversão à doutrina otimista do Humanitismo – que confirmam a antropologia pascaliana (Maia Neto, 2007 A, p. 115). “Tédio. Nada é mais insuportável para o homem do que estar em pleno repouso, sem paixões, sem afazeres, sem divertimento, sem aplicação. Ele sente então todo o seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio” (Pascal, 2005, Lafuma 622, p.268). A adesão ao Humanitismo é uma saída para o vazio que então consome o Brás Cubas vivo.

O Humanitismo é uma caricatura de um aspecto do positivismo de Comte e o evolucionismo social de Spencer que Pascal identifica em todos os sistemas filosóficos, a saber, o estoicismo. Por estoicismo não se entende aqui a filosofia grega especificamente, mas uma visão panteísta que concebe o homem – em particular o intelecto – como possuindo mesmo estatuto ontológico tradicionalmente atribuído a Deus, e uma concepção da natureza como providencial para o homem (Maia Neto, 2007 A, p. 116).

Assim sendo, é o providencialismo do Humanitismo que faz remissão ao aspecto do estoicismo criticado por Pascal quando, segundo a opinião de Crisipo, o porco alcança seu fim natural, sendo, portanto, beneficiado, quando é abatido e devorado pelos seres humanos (Maia Neto, 2007 A, p. 117). É importante registrar que, enquanto Brás Cubas *vivo*, portanto, *personagem*, é discípulo de Quincas Borba, o Brás Cubas *defunto*, ou seja, *autor*, é um cético que antagoniza o Humanitismo¹¹. “E isto é totalmente consistente com a oposição tradicional entre

¹⁰ É o capítulo LVI (Assis, 2015, p. 657).

¹¹ A *zetesis* anti-dogmática praticada pelo defunto-autor é menos pirrônica e mais pascaliana, sendo dirigida contra o Humanitismo de Quincas Borba (Maia Neto 2007 B, p. 217).

céticos e estoicos. Durante o ressurgimento destas filosofias helenísticas na modernidade, um neo-estoicismo difuso foi um dos principais alvos do ceticismo pascaliano” (Maia Neto, 2007 A, p. 117). Na parte final da nossa investigação apresentaremos uma visão alternativa a essa de Maia Neto. Por enquanto notamos que o providencialismo de certas visões filosóficas otimistas é refutado pela figura de Pandora.

Animado pela conversão ao Humanitismo, Brás Cubas aninha o propósito do casamento, que é desfeito pela morte súbita da noiva quando a ocasião se avizinhava, o que demonstra o caráter implacável da miséria humana, confirmando Pascal (Maia Neto, 2007 A, p. 118). O Brás Cubas defunto-autor tem uma filosofia que é a antítese do Humanitismo.

A filosofia de Brás Cubas assemelha-se ao ceticismo pascaliano no que diz respeito à crítica da pretensão humana de transcender – pela razão filosófica – sua condição finita e miserável. A diferença essencial entre as filosofias de Brás Cubas e Quincas Borba reside na intensificação pelo último e rejeição pelo primeiro do que é denunciado por Pascal e outros céticos cristãos como o objetivo último das doutrinas filosóficas, a saber, redenção ou divinização (Maia Neto, 2007 A, p. 121 - 122).

A morte súbita de fato mostra que a razão de Brás é incapaz de compreender o evento. O peso filosófico do evento é o de explicitar que a saída encontrada por F.S. não é mais uma possibilidade.

Quando cotejadas, também as filosofias do Brás Cubas defunto e de Pascal realçam suas diferenças. Para o solitário de Port-Royal, a *ataraxia* não é possível como consequência da equipolência das doutrinas, sendo necessária, como saída para o vazio cuja tentativa de preenchimento é a agitação, as “idéias fixas” de Brás Cubas - a religião. Para Brás Cubas, a condição de cético, embora não possa ser ainda vivida¹², é alcançada pelo defunto-autor, cuja rememoração dos seus percalços expressa sua *ataraxia*:

O defunto-autor não mais sofre as oscilações entre depressão e exaltação que agitaram o personagem vivo. Brás Cubas desfaz a reconstrução pascaliana do pirronismo. Pascal percebe o caráter anti-cristão da busca pirrônica pela indiferença e tranquilidade e busca mostrar que os humanos precisam ficar intensamente interessados na sua própria salvação. Dada a não possibilidade desta opção religiosa, Brás Cubas retorna aos fins pirrônicos. A posição de Brás Cubas, embora contrária à de Pascal, é igualmente radical: uma indiferença e um distanciamento absolutos representados pela sua condição defunta (Maia Neto, 2007 A, p. 125).

De acordo com Cei, a antropologia pascaliana é o resultado da reunião de duas realidades, uma sobrenatural e perfeita que, após a queda, é a natural e corrupta. Essa antropologia é simbolizada por Nhâ-loló. A humanidade é miserável por ser a reunião de conflitos insolúveis, um amálgama que resulta em uma existência dilacerada (2015, p. 83). Importa notar que no capítulo mencionado, Brás Cubas afirma se encontrar em uma situação dupla e indefinível – remetendo ao duplo infinito – e que “o jansenista não admitia a simultaneidade das duas naturezas” (Assis, 2015, p. 693), ou seja, a corrompida prepondera. Essa interpretação também é reforçada por Fuchigami, que observa que, para Pascal, o ser humano é incapaz de realizar boas ações sem o auxílio da graça, de tal maneira o seu livre-arbítrio é comprometido pela queda (2017, p. 230). Já Martins observa, a partir das crônicas de 1878 que, na antropologia machadiana, *besta* equivale à busca irrefletida por nutrir a porção sensual, enquanto *anjo* significa a capacidade intelectual de

¹² “Caberá aos sucessores de Brás Cubas – Dom Casmurro e Conselheiro Aires – encontrar uma tranquilidade e distanciamento vivo (não defunto). Brás Cubas é um cético que não pode viver o ceticismo” (Maia Neto, 2007 A, p. 125).

compreensão da própria miséria (2017, p. 229). Martins também observa que essa natureza humana pode ser soterrada pelo costume (2017, p. 236).

Notamos que se Brás Cubas autor não pode ter o auxílio da graça, há ainda algo que de que faz uso e que lhe serve como filtro para a análise das ações humanas, suas e dos demais: a narração.

O episódio em que Brás Cubas justifica a instrumentalização de dona Plácida como alcoviteira dos seus encontros com Virgília¹³ advogando sobre a origem das ações virtuosas, também permite uma aproximação com Pascal: “A tese (assumida por Pascal e La Rochefoucauld¹⁴) é que as ações tidas como virtuosas têm por motivação disposições viciosas. O propósito da tese no caso do agostiniano Pascal¹⁵ é demonstrar a impossibilidade da ação ética, pelo homem decaído, sem o auxílio da graça” (Maia Neto, 2007 A, p. 126). Para Brás Cubas, motivos viçosos geram ações virtuosas. Para ele também é o interesse, muitas vezes o interesse oculto, que move as ações, conforme o princípio de Helvetius (Assis, 2015, p. 716). De acordo com Fichugami, as personagens machadianas vivem uma religiosidade de fancaria, como é o caso, por exemplo, de Virgília (2017, p. 229 – 230). A partir dessa informação é importante fazer duas observações. Primeiro, o engano e a ilusão da vida social, na qual prepondera a opinião pública. Segundo, como os recortes dos episódios do Brás Cubas vivo são feitos pelo defunto-autor, transparece, via metanarrativa do memorialista a consideração da impossibilidade da salvação pela graça.

Outro elemento que marca a precariedade da condição humana e assim aproxima Machado e Pascal é a constatação de que a formalidade desempenha papel determinante na vida social, atuando como mediadora (Maia Neto, 2007, p. 130 - 131). “Tal função remete a Pascal. A vida social ocupa o vazio do homem sem Deus. Desvia-o de si mesmo, de sua fragilidade quando despido de máscaras sociais” (Maia Neto, 2007 A, p. 131). O episódio em que Lobo Neves, sabendo que Brás é o seu comborço, exemplifica essa situação (Assis, 2015, p. 702). É a formalidade que mantém a situação nos limites que a aparência social exige. O adultério aqui é ocultado pela formalidade social, ao contrário do que se verá em Dom Casmurro, quando se torna, em si, indeterminado. Pascal considera que a vida humana não passa de autoenganação constante, mentira e disfarce. Os seres humanos gostam de ser enganados porque a bajulação agrada (2005, Lafuma 978, p. 424 – 425).

No capítulo CXLII, Quincas Borba alude a Pascal como um dos seus avôs espirituais e menciona o famoso fragmento 200 sobre a dignidade do ser humano (2005, p. 86), por saber que morre. Borba emenda que “o homem que disputa o osso a um cão tem sobre este a grande vantagem de saber que tem fome” (Assis, 2015, p. 722). Compreendemos essa afirmação emoldurada no quadro composto pelo defunto autor como a ironia – galhofa – do metadiscorso machadiano, que aproxima essa consideração daquela presente na crônica *Autor de si mesmo* (Assis, 2015, p. 1102 – 1104).

A distinção entre as chamadas instâncias narrativas do narrador, do autor e do personagem nas *Memórias póstumas* exemplificam o ceticismo aporético machadiano, engajando o leitor numa

¹³ “Se não fossem os meus amores, provavelmente d. Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas: donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude” (Assis, 2015, p. 674).

¹⁴ “O nome da virtude serve tão utilmente ao interesse como os vícios” (La Rochefoucauld, 2014, p. 35). La Rochefoucauld, ao lado de outros moralistas franceses, como La Bruyère, são alguns pontos de fuga que contribuem para a formação machadiana da perspectiva sobre a vida social (Maia Neto, 2007 A, p. 24). “Os grandes se orgulham de abrir uma estrada na floresta, de manter uma terra cercada por longas muralhas, de dourar os tetos, de fazer dez poços de água, de mobiliar uma estufa; mas para fazer um coração feliz, encher uma alma de alegria, prevenir uma necessidade extrema ou remediá-la, sua curiosidade não chega a tanto” (La Bruyère, 2004, p. 52). “Os grandes desdenham das pessoas de espírito que não têm nada além de espírito; as pessoas de espírito desprezam os grandes que não têm nada além da grandeza. As pessoas de bem têm pena de uns e de outros, que têm grandeza e espírito, sem nenhuma virtude” (La Bruyère, 2004, p. 54).

¹⁵ A respeito de uma aproximação entre Pascal e Agostinho, conferir Oliva, 2002, p. 33 – 48.

busca cambiante por um sentido fixo. Essa aporética, para a ação ética, na condição do narrador resulta em *aphasia* (quando Brás Cubas omite suas falas), *apathia* (insensibilidade mental, por exemplo, no capítulo sobre a alucinação) e *apraxia* (quando Brás se reconhece como não sendo senhor das próprias ações) (Martins, 2017, p. 245 – 253).

Da análise desse romance concluímos uma persistência da condição humana miserável para além do que se via no primeiro conto, *Felicidade pelo casamento*. Observamos também a importância que a narração adquire nas considerações a respeito do romance.

2.2. *Dom Casmurro*.

Segundo Maia Neto, o livro *Memórias póstumas de Brás Cubas* marca uma transição entre as fases do autor que acompanha a mudança na perspectiva cética. Nesse primeiro momento dessa perspectiva, está presente um pessimismo. O ceticismo, nesse primeiro momento, tem como característica marcante a presença de uma antropologia pascaliana que denuncia a vaidade humana em que um desmesurado amor de si contrapõe-se com vazio e miséria (2007 B, p. 216). Mesmo assim, em *Dom Casmurro*, ainda é possível pinçar elementos pascalianos, ainda que o romance apresente um desenvolvimento de fundo mais próximo de Montaigne. Desse modo, primeiro pinçaremos alguns elementos pascalianos do romance para concluirmos com o paralelo em relação a Montaigne.

Um dos elementos que constitui ainda essa aproximação entre Pascal e o Bruxo do Cosme Velho em *Dom Casmurro* é o papel da imaginação (Maia Neto, 2007, p. 133). Pascal considera que a imaginação é parte dominante da natureza humana, trapaceira, pois, não sendo regra infalível da falsidade e do erro, não pode ser, por oposição, regra infalível da verdade (2005, Lafuma 44, p. 12). Até as *Memórias póstumas*, as aparências da vida social são, com certa segurança, princípios de falsidade, compõem disfarces de motivações viciosas. Já em *Dom Casmurro* a mudança é intensa, pois a perspectiva social não tem, na aparência, regra infalível de mentira, mas sim se torna fundamento da dúvida (Maia Neto, 2007 A, p. 133). Ocorre aqui uma caminhada em relação à concepção de imaginação pascaliana, como algo que, por não enganar sempre ou não enganar nunca, não é mais regra fiável para coisa alguma. Segundo Pascal (2005, Lafuma 44, p. 12), a imaginação se torna uma segunda natureza, tamanho é o seu poder sobre os seres humanos, assinalando com as mesmas características o verdadeiro e o falso e impedindo a razão de conferir o devido valor às coisas. “Ela tem seus felizes, seus infelizes, seus sadios, seus doentes, seus ricos, seus pobres. Ela faz acreditar, duvidar, negar a razão. Suspende os sentidos, fá-los sentir. tem seus loucos e seus sábios” (Pascal, 2005, Lafuma 44, p. 12). Como, então, sair dessa posição de dúvida?

No famoso episódio em que Bento lança à Capitu a acusação de que Ezequiel é filho de Escobar¹⁶, a afirmação voluntarista reiterada do adultério, explicita um elemento de vontade que aparece como um *deux ex machina* para retirar Santiago da posição de dúvida (Maia Neto, 2007 A, p. 153).

A vontade é acionada onde a razão é impotente. O passo é análogo ao dado por Pascal. A dúvida sobre a existência de Deus e a imortalidade da alma é tão perturbadora e insuportável que ela precisa ser superada por um ato de vontade, dado que a razão é incapaz de, por si só, resolvê-la. Pascal oferece razões pragmáticas (e não demonstrativas) que justificam a opção pela crença ao invés da descrença (Maia Neto, 2007 A, p. 153 - 154).

¹⁶ Assis, 2015 p. 1035 – 1035 – 1037. No episódio, Capitu atribui tudo à semelhança de aparência: “- Sei a razão disto: é a casualidade da semelhança... A vontade de Deus explicará tudo... Ri-se? É natural; apesar do seminário, não acredita em Deus; eu creio... Mas não falemos nisto; não nos ficará bem dizer mais nada” (Assis, 2015 p. 1037). Observamos que essa é a última frase do capítulo, que, portanto, se encerra com a típica afasia cética e com a invocação do salto de fé fideísta. Não obstante, é importante trazer à tona a visão de Margutti, para quem *casmurro* não significa afásico, pois Bento tenta dizer algo ao longo de sua narrativa, mesmo falhando na tentativa. Diferentemente da postura fideísta, não há redenção possível para o memorialista (2007, p. 196) – além do próprio memorial.

Esse é o argumento pascaliano da aposta, desenvolvido no fragmento 418 da edição Lafuma: segundo as luzes naturais, afirma o Solitário de Port-Royal, é possível conhecer a existência de uma coisa sem conhecer sua natureza. O exemplo é o infinito. Deus, porém, não pode ter nem a existência nem a natureza conhecidas, restando apenas a fé. O jogo da aposta surge nesse horizonte. É preciso apostar, pois o ser humano já está engajado no jogo (2005, Lafuma 418, p. 159 – 162). A situação de Bento é semelhante: ele já está engajado na situação que abre espaço para a decisão voluntarista. Se Escobar é ou não seu comborço, já não é possível, no interior do casamento, contar com o auxílio da opinião pública para salvá-lo.

Outro aspecto da precariedade da condição humana em *Dom Casmurro* aparece na consciência do memorialista de que acasos e circunstâncias que em si mesmas são ínfimas, determinam, sem as comprovar, as crenças que, gratuitamente geradas, dirigem os rumos da sorte humana (Maia Neto, 2007 A, p. 162). “O destino não só é dramaturgo, é também o seu próprio contrarregra, isto é, designa a entrada dos personagens em cena, dá-lhes as cartas e outros objetos, e executa dentro os sinais correspondentes ao diálogo, uma trovada, um carro, um tiro” (Assis, 2015, p. 982).

Desse modo verificamos a preponderância de fatores não racionais para a determinação das crenças e mesmo da percepção (Maia Neto, 2007 A, p. 153 - 159). “Esse tema é corrente no ceticismo do século XVII, notavelmente em Pascal, e mostra a apropriação cristã do ceticismo para corroborar uma antropologia que enfatiza a fragilidade do homem decaído” (Maia Neto, 2007, p. 159 - 160). Nesse sentido, a decisão de Bentinho de considerar Capitu como adúltera, ainda que as certezas estejam todas embaralhadas, surge, diante de tal precariedade, como um ato de vontade.

A vontade é um dos principais órgãos da crença, não que ela forme a crença, mas porque as coisas são verdadeiras ou falsas segundo a face pela qual as olhamos. A vontade que se apraz numa mais do que na outra desvia o espírito de considerar as qualidades daquela que não gosta de ver, e assim o espírito, caminhando junto com a vontade, detém-se a olhar a face de que ela gosta e assim julga a respeito dela por aquilo que vê (Pascal, 2005, Lafuma 539, p. 244 – 245).

Nessa moldura, a escolha de Bentinho aparece como uma espécie de decisionismo. Se, por um lado, é possível aproximar esse decisionismo do salto de fé fideísta, por outro, ele pode ser lido como denúncia análoga àquela que Pascal faz da casuística, aproximando o romance mais de Pascal, embora por outra via.

Passemos agora às considerações sobre Montaigne. No romance que narra a desventura conjugal de Bento Santiago, embora talvez não tão acentuado quanto no romance anterior, o pessimismo pascaliano ainda se faz presente, embora o romance seja mais montaigneano e cético (Maia Neto, 2007 B, p. 218 - 219). Maia Neto considera que, em oposição ao conto *Felicidade pelo casamento*, esse romance poderia se chamar “Infelicidade pelo casamento”, por ser esta a situação na qual mais se intensificam as simulações da vida social (2007 A, p. 46).

Para localizarmos a presença do elemento fideísta montaigneano em *Dom Casmurro* é necessário primeiro passar pela análise de Pirro sobre as coisas. Em seguida, é importante também apontar que Capitu representa o ceticismo de Pirro transplantado para o ceticismo sobre outras mentes, com uma influência cartesiana. Finalmente, chega-se ao fideísmo de Dom Casmurro como uma resposta que contraria a inescrutabilidade com que Capitu aparece para o observador cético (Maia Neto, 2007 B, p. 219 - 221).

O fragmento mais importante que relata a filosofia de Pirro é um testemunhado por Timão e preservado por Eusébio que citou uma obra desaparecida de Aristocles. Conhecido como fragmento sobre a indiferença das coisas, afirma que quem quer ser feliz precisa responder três perguntas: o que são as coisas por natureza, que atitude o sábio deve ter em face delas e o que resultará desta atitude. Segundo Timão, Pirro teria dito que as coisas são por natureza igualmente indiferentes, instáveis e inarbitráveis, que a atitude do sábio deve ser então a de não confiança nas percepções e opiniões, e que o resultado desta atitude será, primeiro, o silêncio (*aphasia*) e, em seguida, a tranquilidade (*ataraxia*). Pois bem, Capitu é a personagem de Machado que melhor representa esta realidade das coisas: ela aparece para o narrador como instável (basta lembrar os seus famosos ‘olhos de ressaca’) e inarbitrável (Maia Neto, 2007 B, p. 219).

Capitu representa essa obscuridade para o narrador cético no que diz respeito à subjetividade. Essa ponte se constrói alicerçada no conhecimento de Machado sobre a filosofia cartesiana.

Embora as fontes principais do ceticismo de Machado tenham sido Montaigne e Pascal, pensadores que não tematizam – exceto tangencialmente Pascal – o chamado ‘ceticismo sobre outras mentes’, Machado conhecia o ceticismo cartesiano. Além de possuir uma edição das obras escolhidas de Descartes [...], faz referência à dúvida e ao *cogito* de Descartes no conto ‘Ex Cathedra’¹⁷ (Maia Neto, 2007 B, p. 226).

Margutti argumenta que a aproximação com o pirronismo é inadequada porque o problema do ceticismo sobre outras mentes não se encontra para essa escola, sendo um problema da relação mente/corpo colocado a partir da filosofia do século XVII, de modo que o elemento cartesiano aqui ganharia uma dimensão de muito maior vulto (2007, p. 194 – 195). Pascal, por outro lado, parece continuar como uma aproximação possível por conta da crítica ao jansenismo, o que se traduz no voluntarismo de Santiago ao condenar Capitu, mesmo sabendo das consequências dessa decisão, inclusive para Ezequiel.

Maia Neto aproxima a atitude de Santiago mais do fideísmo do que propriamente da *aphasia*. As aparências de Capitu evocam, quanto à sua subjetividade, inescrutabilidade e instabilidade. Disso não decorre para Dom Casmurro a *aphasia*, mas uma postura que pode ser assemelhada ao fideísmo cético.

Voltando ao fragmento de Pirro, como nem as sensações nem as opiniões são verdadeiras ou falsas, nada podemos dizer (*aphasia*) ou, se formos dizer alguma coisa (como diz Dom Casmurro em suas memórias), devemos dizer que ‘não mais’ a) que Capitu traiu, b) que Capitu não traiu, c) que Capitu traiu e não traiu d) que Capitu nem traiu nem não traiu. (a), (b), (c) e (d) são equípolos.

O quadrilema é a única afirmação capaz de expressar instabilidade e inescrutabilidade com que Capitu aparece para o observador pirrônico. Em que pese a equipolência que ele próprio constrói em sua narrativa, Dom Casmurro afirma (a) no final do seu livro. Trata-se de uma afirmação de tipo ‘fideísta’ quanto a sua forma (evidentemente não quanto ao seu conteúdo) (Maia Neto, 2007 B, p. 220).

Bento forma o juízo sobre a infidelidade de Capitu não por razões filosóficas ou epistêmicas, mas por circunstâncias fortuitas: paixões e crenças anteriores.

¹⁷ A filosofia cartesiana aparece quando Fulgêncio inicia uma demonstração cartesiana da existência do ser humano (Assis, 2015, p. 420). Hegel é citado nominalmente (Assis, 2015, p. 418).

Dom Casmurro mostra na sua narrativa justamente como a vida humana é regida por crenças gratuitas, não fundamentadas nem fundamentáveis, e que portanto só lhe resta – na impossibilidade prática de viver sem crenças – manter a que determinou todo um curso de vida já então irreversível (de maneira semelhante a que Montaigne mantém a sua crença católica). Por fim, cabe observar que o fideísmo não inclui uma redenção mesmo quando o que é afirmado é a existência de Deus. Não há tal redenção em Montaigne e nem mesmo em religiosos fervorosos como Pascal e Kierkegaard, em quem a crença teísta (fideísmo no sentido de não apoiada em provas) convive com grande inquietude e mesmo incerteza existencial (Maia Neto, 2007 B, p. 220 - 221).

É importante observar que esses elementos apontados por Maia Neto são contrapostos por outros. Margutti (2007, p. 186 - 187) considera que mais do que o embate entre cétricos e estoicos, as críticas a doutrinas como o Humanitismo refletem a denúncia da miséria da condição humana na vertente ibérica do pensamento moderno expressa no salvacionismo da matriz colonial, salvacionismo esse que combina elementos cristãos com o espírito do estoicismo de Sêneca. Observamos que Carpeaux evoca a influência de Sêneca e sua herança nos ibéricos, disseminando o que o autor denomina como uma filosofia popular que denuncia a vaidade da existência humana, com forte influência também do *Eclesiastes* (1976, p. 164 – 165). Alfredo Bosi também fortalece a interpretação que aproxima Machado de uma forma de estoicismo que, na crítica aos arrivistas retratados em suas obras, realiza um pessimismo moralista, já que a nobreza é um atributo de caráter, não de estrato, fazendo assim oposição ao spencerismo (2007, p. 43 – 59). Na sua interpretação, Carpeaux aproxima Machado de Pascal – mas pela via de Leopardi. Machado, sabemos, era leitor de Pascal, assim como Leopardi. Ambos, para Carpeaux seriam mais de um materialismo epicurista do que cétrico, de modo que, sendo pascalianos, não eram podiam contar com o auxílio da graça (1976, p. 218). Além disso, Machado era leitor de Leopardi, uma das suas influências mais notáveis para o episódio do delírio (Carpeaux, 1976, p. 213 – 218).

3. Balanço final

Se Margutti considera que a principal fonte para o tipo de ceticismo presente na ficção machadiana é o cétrico renascentista português Francisco Sanches, Maia Neto privilegia, nas *Memórias Póstumas*, a presença de Pascal. Segundo Maia Neto, o Gabinete Português de Leitura, freqüentado por Machado, continha obras de Sanches, contudo, para ter acesso a elas, Machado teria que ler em latim. Maia Neto acrescenta que não há evidência da leitura da obra de Sanches, cujo livro não integra a biblioteca machadiana e nem há citação desse cétrico ibérico na sua obra (2007 B, p. 225 nota 18). Contudo, Margutti argumenta que essa influência pode ter se dado de modo indireto, pelo alcance da matriz barroca que alia elementos cétricos, mas também estoicos e salvacionistas (2007, p. 184 – 186). Já registramos que o elemento estoico é apontado como exercendo papel na constituição da visão de mundo retratada na obra machadiana. Os elementos cétricos – seja uma aproximação com Pirro, Montaigne ou Pascal – também foram elencados ao longo da nossa investigação. Margutti aponta também um pessimismo que recorre à contemplação estética (2007, p. 190). Esse ponto também é defendido na interpretação de Maia Neto:

A visa filosófica apresentada por Brás Cubas narrador (que não deve ser confundida com a de Brás Cubas, personagem vivo, que exibe uma visão ingênua de vida) é a visão pascaliana, da miséria do homem sem Deus mas – diferentemente de Pascal – sem qualquer indicação de possibilidade de ser feliz com Deus (2016, p. 285).

Pascal considera que existe uma grandeza na natureza humana: a consciência da própria miséria. Esse laivo de pessimismo faz com que a visão cética de vida de Brás Cubas não seja completa: ao constatar a existência de miséria por todo o mundo, implicitamente, tem-se uma concepção ideal de verdade, mesmo que as consequências disso não sejam outras que a denúncia da própria falsidade. Como não, há lugar a salvo dessa miséria, o mundo deve ser abandonado. Os Solitários de Port-Royal se esquivam do mundo para ocuparem-se de Deus. Pascal, é importante pontuar, não se afasta de modo radical por considerar seu dever lutar pela causa de Deus no mundo. Podemos traçar um paralelo com Brás Cubas, para quem o mundo é ainda objeto de investigação, ainda que a saída do narrador cético desse mundo seja completa (Maia Neto, 2016, p. 286). Assim, segundo Maia Neto em *Memórias póstumas* verifica-se uma antropologia que, embora seja inspirada em Pascal, carece do elemento religioso que restaura o significado da condição humana, pois o defunto autor recusa tanto a agitação que muitos procuram para preencher o vazio, como a alternativa religiosa (2007 A, p. 95).

Muitos são os estudiosos da obra machadiana que concordam, em meio a muitas discordâncias, na influência de Pascal e Montaigne. Benedito Nunes considera Machado um pascaliano sem o auxílio da graça, um montaigneano pedagogo das atitudes humanas (1989, p. 7 – 23). Reale também identifica a influência de Montaigne, Pascal e do *Eclesiastes* (1982, p. 3 – 24). Reale ainda pondera que, embora Machado não aderisse à saída fideísta de Pascal, ele não era um materialista, pois há na sua obra ponderações sobre o sentido da vida e sobre o problema da morte (1982, p. 9). Coutinho considera Machado como filiado à linhagem de um Pascal a quem faltasse a fé (1959, p. 66, nota 17). Machado estaria alinhado com outros moralistas franceses, como La Bruyère e La Rochefoucauld, que, dissecando e satirizando a natureza humana, exibiam-lhe as entranhas más e lhe negavam a possibilidade de redenção (Cotinho, 1959, p. 77 - 78). Por fim, evocamos o testemunho de Eugênio Gomes, para quem o pessimismo metafísico – portanto, não materialista – do Bruxo é mitigado por um epicurismo estético (1958, p. 175 – 215).

Como podemos concluir essa breve investigação a respeito do fideísmo cético pascaliano nas obras de Machado selecionadas aqui? O balanço final mostra que há elementos de proximidade, elementos de ordem cética e semelhanças temáticas. A percepção da influência dos costumes, da tibieza na fundamentação das ações, o aspecto dúbio das aparências, a falta de solidez nas crenças; há também certa desconfiança da razão enquanto tomada como plenipotenciária; elementos que aproximam do fideísmo cético. Por outro lado, há elementos que afastam do fideísmo: um forte pessimismo e uma descrença no poder de salvação da graça bem como a inexistência de um sentimento religioso, elementos esses que impossibilitam o salto de fé.

Retomando as conclusões que extraímos da parte inicial do nosso trabalho, temos no panorama traçado nas obras machadianas a persistência da miséria humana e a possibilidade da contemplação estética. A exposição dos contos nos mostrou a ausência de fundamento último para as relações sociais, restando o costume como diretriz. Encontramos também o problema do sentido da vida e a preocupação com a morte, simbolizados pelo suicídio. Da consideração dos romances depreendemos a importância da narração como distanciamento e filtro. Juntamos a isso a presença da ironia na narração e a persistência da denúncia da miséria humana.

A conclusão é pela presença de uma espécie de salvacionismo que consiste na contemplação estética da tragédia ou do drama da existência humana, contemplação essa em que o aspecto da ironia – galhofa – mitiga a miséria – pena – exerce papel fundamental, cujo exemplo metateórico é a forma narrativa: o memorial adotado por Brás Cubas e Santiago. Isso tudo bem pesado, concluímos pela originalidade da posição machadiana, que não simplesmente reproduz as ideias de filósofos, mas dialoga com elas, decantando-as, destilando-as e produzindo com elas sua rica e complexa visão de mundo, que, sendo reduzida a qualquer delas que seja, deixa escapar sua singularidade. O caldeirão do Bruxo mistura e transforma aquilo que calha de lhe cair dentro.

Referências

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa em 4 volumes*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Correspondência de Machado de Assis : tomo III, 1890-1900*. Rio de Janeiro: ABL, 2011.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Felicidade pelo casamento. . In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos esparsos*. Rio de Janeiro, 1956.
- BOSI, A. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- CARPEAUX, O. M. Uma fonte da filosofia de Machado de Assis. Em: *Reflexo e realidade*. Rio de Janeiro: Fontana, 1976.
- COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- FICHUGAMI, Ivna Maia. *Ecos pascalianos na descrição da condição humana em Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro, de Machado de Assis*. 2019, 260 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- GOMES, E. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução Mário da Gama Cury. Brasília: Editora UNB, 2008.
- LA BRUYÈRE, Jean de. *Les caracteres (De la cour et Des grands)*. Paris: Editions Gallimard, 2004.
- LA ROCHEFOUCAULD, François de. *Reflexões ou sentenças e máximas morais*. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- MAIA NETO, José Raimundo. O desenvolvimento de uma visão de vida cética na ficção de Machado de Assis. In ROCHA, João César de Castro (Org.): *Machado de Assis: Lido e relido*. São Paulo: Alameda Editoria/Editora UNICAMP, 2016.
- MAIA NETO, José Raimundo. O delito capitolino. *Aletria*, n. 1 v. 23, jan-abr 2013, p. 59 – 71.
- MAIA NETO, José Raimundo. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007 A.
- MAIA NETO, José Raimundo. Machado, um cético brasileiro: resposta a Paulo Margutti e a Gustavo Bernardo. *Sképsis*, n.1, 2007 B, p. 212 – 226.
- MARGUTTI, Paulo. As ideias filosóficas de Francisco Sanches. *Sképsis*, n. 5, 2010, p. 103 – 148.
- MARGUTTI, Paulo. Machado, o brasileiro pirrônico? Um debate com Maia Neto. *Sképsis*, n.1, 2007, p. 183 – 212.
- MARTINS, Alex Lara. *O anjo e a besta – Pascal, Machado de Assis e a descristianização do ceticismo*. 2018, 306 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In JOBIN, José Luís (Org): *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Prefácio. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos esparsos*. Rio de Janeiro, 1956.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Tradução Sérgio Millet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- NUNES, B. Machado de Assis e a filosofia. *Revista Travessia*. Universidade Federal de Santa Catarina, n. 19, 1989, p. 7-23.
- OLIVA, Luís César. *As marcas do sacrifício: um estudo sobre a possibilidade da História em Pascal*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POPKIN, Richard. *História do ceticismo – de Erasmo a Spinoza*. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 2000.

REALE, M. *A filosofia na obra de Machado de Assis e Antologia filosófica de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira Editora, 1982.

SANTOS, Vitor Cei. *A voluptuosidade do nada: o niilismo na prosa de Machado de Assis*. 2015. 301 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Daniel Benevides Soares. benevides.soares@gmail.com